

Patrimônio cultural: ofícios antigos em Porto Alegre

*Cultural heritage: ancient crafts
in Porto Alegre*



Rossanna Prado

Bacharel em Ciências Sociais (UFRGS);
Licenciatura em Ciências Sociais (UFRGS).
Professora do curso de especialização em Gestão
Cultural (SENAC/RS)

rossanna@cpovo.net

Recebido para publicação em dezembro de 2010.
Aprovado para publicação em junho de 2011.

Resumo:

Este trabalho foca 15 ofícios centenários presentes na cidade de Porto Alegre/RS, Brasil. Entendemos ofício pela definição de senso comum, como “ocupação manual ou mecânica a qual supõe certo grau de habilidade e que é útil ou necessária à sociedade”, oriunda do latim *oficiu*, “dever”. Há inúmeras relações cotidianas relacionadas aos fazeres de ofício, mas neste artigo o recorte será o do saber-fazer e seu registro. Desde a ótica do Patrimônio Cultural Urbano, foca as permanências no tempo e no espaço destes ofícios e seu fazer - materiais, ferramentas e técnicas. Seus produtos e serviços exercidos de forma autônoma, com domínio completo do processo, transmitem o trabalho dos artífices em casa ou em suas oficinas, através de suas vidas, frases e mãos. Apresentamos o patrimônio imaterial do *saber-fazer* em Porto Alegre.

Palavras-chave: Ofícios; Saber-fazer; Patrimônio cultural.

Abstract:

This study displays 15 centennial crafts from the city of Porto Alegre, Brazil. We understand the definition of craft, common sense, as "manual or mechanical occupation which assumes some degree of skill and that is useful or necessary to society" from the Latin *oficiu*, "duty." There are numerous links related to everyday practices of craft, but this article will aim at the know-how process and its register. From the point of view of Urban Cultural Heritage, the article focuses on the continuities of these crafts in time and space - materials, tools and techniques, its products and services practiced autonomously, with complete mastery of the process, and the passing of the work of craftsmen in their workshops or at home, through their lives, sayings and hands. We show you the intangible heritage of know-how in Porto Alegre.

Keywords: Crafts; Know-how; Cultural heritage.

Introdução

A equipe composta por Cármen Nunes (arquiteta especialista em patrimônio Cultural Urbano - PROPUR/UFRGS), Letícia Nunes (tecnóloga em fotografia digital e acadêmica do IA/UFRGS) e Rossana Prado (antropóloga especialista em Patrimônio Cultural Urbano - PROPUR/UFRGS) elaborou, com financiamento do FUMPROARTE /SMC-PMPA, o Projeto “Série de Cartões-postais Patrimônio Cultural de Porto Alegre: Ofícios”, no qual propôs localizar e fotografar 15 ofícios manuais, ainda em execução no meio urbano de Porto Alegre, e confeccionar uma coleção de postais com estes fazeres e suas histórias na cidade

Apresentando os Ofícios e os Artífices

A idéia inicial baseou-se no livro “La Voz del Caimán: palabras y retratos cubanos” de Pepe Navarro (1998)¹, no qual estão registrados diversos tipos e fazeres de pessoas, em fotos em preto-branco, suas histórias de vida e depoimentos. As especificidades brasileiras, gaúchas e porto-alegrenses foram se



constituindo no corpo da pesquisa. A investigação exigiu uma articulação de saberes, entre pesquisa, planejamento, trabalho de campo, coleta de dados por entrevistas gravadas e registros fotográficos, e a posterior finalização dos postais - de acordo com o compromisso da equipe pelo edital contemplado e órgão financiador. Mas apresenta lacunas teóricas e metodológicas pela natureza do Objeto. Houve dificuldade em encontrar referências bibliográficas sobre o tema — o patrimônio imaterial *materializado* em produtos e serviços. A pesquisa, propriamente dita, começa agora. O recorte temporal é dos últimos 100 anos a contar do início da pesquisa, 1909-2009. O recorte espacial é a região metropolitana de Porto Alegre, com prioridade para a área central. Assim, selecionamos, localizamos e registramos 15 ofícios manuais. Estes são:

Lista de Ofícios

Apresentação dos 15 ofícios selecionados e principais características - ofícios marcados em cinza obedecem ao critério de regionalização, característicos de POA e práticas do Sul.

Ofícios – comida

- Doces de Rua: Algodão-

Patrimônio cultural: ofícios antigos em Porto Alegre

Rossana Prado

doce, Casquinha, Pipoqueiro, Maçã do Amor (Pque. Redenção)

- Padeiro (gastronomia, Mercado Público - Patrimônio Histórico de POA)

- Açougueiro (relação com o abate de animais, herança das charqueadas, gastronomia)



- Engraxate (relação com o calçado, proteção da intempérie - clima de Porto Alegre)

- Instrumentos musicais: percussão, sopro e violões (fruição/lazer, sociabilidade)

- Marceneiro (domínio da natureza, masculinidade)

- Tratador de cavalos (relação com cavalos, prática secular de trabalho - carga e transporte)

- Relojoeiro (domínio do tempo)

- Sapateiro (relação com o calçado: homem livre; lidas campeiras)

Ofícios – local fixo



- Afiador de facas (manutenção de ferramentas de trabalho, cutelaria)

- Alfaiate (estampa, dar-se a ver na cidade)

- Barbeiro (higiene, dar-se a ver na cidade)



Ofícios relacionados ao Meio Ambiente -

Labores

- Artesanato indígena (Lomba do Pinheiro - primeiros habitantes)



- Produtor rural (produção de alimentos, abastecimento da cidade)

- Pescador (Ilhas

do Delta - relação com o rio)

Os senhores identificados pela equipe de pesquisa, em sua maioria de idade avançada, continuam trabalhando pacientemente e produzindo com vitalidade e dedicação irrepreensíveis. Suas trajetórias — de ritmo diverso ao predominante nas cidades contemporâneas — dignificam a condição dos idosos no Brasil e aumentam a auto-estima destas gerações. Firmes, belos e fortes, continuam na ativa, ensinando e produzindo bens e serviços com alto grau de qualidade, através de seus longevos ofícios.

As relações com a cidade

As relações da cidade com os ofícios envolvem vários saberes e fazeres, correspondentes aos espaços e tempos constitutivos de Porto Alegre como ambiência. As características culturais, geográficas e ambientais formadoras da cidade² estão presentes no cotidiano dos artífices³ que se dedicam ao trabalho manual aprimorado pelo tempo. Ocorrem em várias dimensões, privilegiando o processo produtivo de acordo com as heranças culturais, o território geográfico composto ao longo dos anos⁴ e o convívio com variações climáticas — verões abafados e invernos rigorosos. As *praxis*

manuais de pequeno porte envolvem demandas de bens e serviços característicos, relacionadas a práticas de abastecimento alimentar, confecção e comércio de produtos, serviços de manutenção e as relações com o meio ambiente.

As ambiências criam formas de vida territorializadas, conforme Milton Santos (2009), onde “a materialidade herdada reage às ações novas”⁵. As ações simbólicas que envolvem a produção manual, a carga emocional e estados de concentração recriam dimensões de valor e permanência dadas pelo processo constitutivo de um bem, e como diz Douglas, “toda pessoa é afetada pela qualidade da confiança que a cerca”⁶ — e se adaptam às realidades locais de necessidades, abastecimento de materiais e demandas de serviços locais. No envolvimento pessoal com o usuário, a relação de amizade torna-se proporcional à confiança conquistada através do desempenho no ofício — um bom conserto churrasco, um morango sem agrotóxicos — fazem o diferencial na sociedade de consumo contemporânea, em que as relações sociais se desintegram em meio ao pluralismo urbano, despersonalizando objetos, conversas e corporeidades. Tomemos como exemplo a inserção do

plástico e sintéticos no cotidiano, que modificou hábitos e demandas de consumo e abastecimento centenárias, “facilitando a vida” daqueles que moram numa cidade grande. Hoje a globalização e suas mídias exigem rearranjos das relações espaço-temporais⁷ identitárias, criando novas estratégias de atuação produtiva e sua consequente gestão pública e política⁸.

A produção cotidiana dos artífices invisibiliza suas ações em prol de resultados – pondo “a mão na massa”, o pão começa a sair dos fornos às 4 da manhã, em muitas cidades, em produção contínua ao longo do dia: em Porto Alegre, está presente no sanduíche Farroupilha⁹, tradicional no café da manhã. O pescador convivendo com as alterações no Delta do Jacuí conhece locais longínquos onde a pesca ainda pode ser realizada, o que envolve mais preparativos e materiais. Isso não ocorria até os anos 50 quando, conforme o Sr. Alfredo, se pescava no Guaíba no início da madrugada e os peixes eram levados *in natura* às bancas de pedra do Mercado Público. Às 8 da manhã, o fiscal passava e “cortava o rabo”, o que significava que o peixe já não era tão fresco, modificando seu valor - Seu Alfredo os levava para casa e alimentava sua família. Sr. Jesus, afiador de facas e cuteleiro, contou que as tesouras de esquila

da lã hoje são usadas para montagem de facas, pois o seu uso se perdeu, em virtude da eletrificação do processo. Sr. Salvador, produtor rural orgânico, contou da introdução de agrotóxicos no processo produtivo do sítio da família, na Vila Nova, e que voltou a usar as técnicas e procedimentos (hoje chamados orgânicos), aprendidos desde criança.

Sr. Arcelino, ou Ciloca, que quando criança e morador do Rio Branco, antigo bairro negro da cidade, vendia pinhão quente ao redor do Prado do Moinhos de Vento. Foi se encantando com os cavalos – virou cavalaria e, das estrebarias, via os jogos do Grêmio Futebol Porto-Alegrense (mas é colorado).

O Sr. Divo, alfaiate, contou-nos da eficiente equipe que teve e dos trajés que confeccionava em épocas de final de ano, bailes e formaturas, “quando a cidade se iluminava”. Sr. Valcareggi está na Rua João Alfredo, berço musical da cidade, e conta do fornecimento e manutenção de instrumentos de sopro e percussão que seu pai, seu tio e ele, mocinho ainda, prestavam para as inúmeras bandas e fanfarras da cidade, que participavam de eventos e desfiles pelas ruas.

Sr. Harry, luthier, mostrou-nos a trabalhosa precisão, milimétrica, das escalas no braço de violões, cavaquinhos e

violões, diferencial de qualidade reconhecido por bons músicos de samba, milongas ou rock.

O Sr. Alfredo é relojoeiro e filho de relojoeiro. Trabalhou nas melhores lojas da Rua da Praia e aprendeu ourivesaria, o que lhe permite construir peças para relógios cujas fábricas já fecharam – quando um relojoeiro falece, seus herdeiros doam os materiais de trabalho a Seu Alfredo, pois é dos últimos que sabe o uso e valor de determinadas peças. Indicou-nos o Sr. Valdir, marceneiro que faz caixas de madeira para relógios, especialista na *sonería* para cada modelo – com problemas de saúde, acredita ser o único que o faz, no Brasil, hoje.

Sr. Eugênio ouve seus clientes há mais de 50 anos como barbeiro, no centro de Porto Alegre, na antiga Rua da Ladeira¹⁰. O Sr. Pedrinho, muito tímido, é engraxate com cadeira na Praça da Alfândega há mais de 60 anos, acompanhando a Feira do Livro e cuidando dos sapatos de clientes, que trazem seus filhos e netos para “trocar uma ideia” sobre futebol.

O Vô Auri, modelista aposentado (Calçados Renner) que trabalha hoje no Jardim Botânico, quando ensinava o ofício de sapateiro a alguém fazia questão de dar as ferramentas “para poder começar”. O

jovem Diego, artesão guarani da aldeia da Lomba do Pinheiro, mostrou como faz esculturas em madeira de corticeira, planta nativa outrora abundante, e Maria Eugênia, artesã, demonstrou como confecciona balaios de taquara – homens dominam uns processos, mulheres outros.

Dentro do Mercado Público, Sr. Pasqualino cresceu no açougue de seu pai, estudou Geologia e continua ali. Lembrou das modificações que a eletrificação e refrigeração representaram a quem trabalha com carnes, garantindo o clássico churrasco de domingo. Outro clássico porto-alegrense, o tradicional passeio com as crianças no Parque da Redenção, reduto dos doceiros de rua: pipoca estourada na hora é cheiro de infância, algodão-doce recém-feito derrete na boca, o brilho da maçã do amor, e as casquinhas, penduradas ou dentro do tambor de lata, são adivinhadas pelo som da matraca, ainda ouvida nas ruas de muitas cidades do Brasil.

São 15 ofícios, porém a cidade apresenta muitos mais. Alguns profissionais — e com eles seus ofícios — já se foram, como o senhor Francisco, lavadeiro e engomador da Rua Coronel Fernando Machado (antiga Rua do Arvoredo), que, infelizmente, faleceu pouco antes de darmos início a este

registro. A valorização desses saberes enquanto patrimônio cultural de Porto Alegre, o reconhecimento de vidas inteiras dedicadas a trabalhos manuais, nos quais a competência profissional reluz, é o objetivo principal deste trabalho.

Metodologia

A investigação condensou informações provenientes de diversas áreas e acervos, em virtude da invisibilidade social do objeto de pesquisa - dada pela cotidianidade dos fazeres apresentados, pela pouca documentação encontrada sobre estes, e pelo denegritamento¹¹ frente ao trabalho manual no Brasil. Foi planejado pela proximidade afetiva com dois profissionais que tinham em comum a longevidade – ambos com mais de 80 anos – e a obtenção do seu sustento a partir do desempenho de atividades de formação não acadêmica: o falecido lavadeiro e o sapateiro, que é avô da fotógrafa Letícia Nunes. Profissões de cunho manual, aprendidas desde cedo e aprimoradas com a prática contínua ao longo da vida. Como costuma acontecer, o projeto inicial foi tomando outros rumos, em virtude da riqueza cultural envolvida e suas inúmeras relações com o cotidiano de milhares de pessoas, e pela invisibilidade tácita do

trabalho manual no Brasil¹².

Instigados pelo curso de especialização na área de Patrimônio Cultural em Centros Urbanos - PropUr/UFRGS, idealizamos registrar esses saberes em uma série de 15 cartões-postais, em grande formato, com fotos dos artífices em seu processo produtivo e tendo como diferencial textos no verso, apresentando cada ofício em suas relações com a cidade, sob a ótica do patrimônio cultural.

Reunimos um rol de ofícios ameaçados (pelo esquecimento, pela industrialização da produção, pela globalização e a recente informatização do cotidiano), buscando organizar, no tempo e no espaço, 15 fazeres presentes na cidade de Porto Alegre, num recorte temporal de 100 anos (1909-2009). Através de uma pesquisa exploratória, reuniu-se documentação pré-existente sobre estes focos, transitando por diferentes fontes de dados. Iniciando pela confirmação temporal¹³ – presença destes 15 ofícios no tempo, na cidade – esta teve como objetivo confirmar a importância do registro e embasar a construção do instrumento de coleta de dados – questionário de pesquisa qualitativa, que permitisse abranger as estratégias cotidianas que acompanham as artes de fazer, conforme Certeau¹⁴, na pluralidade

da sociedade urbana de Lefebvre¹⁵, e seu resgate patrimonial¹⁶.

Para a construção da lista dos ofícios, o planejamento focou três eixos de análise, baseados em critérios relacionados ao processo produtivo e seus universos¹⁷. Estes foram definidos a partir de pontos comuns ao *fazer* manual de um indivíduo (ARENDETT, 2009)¹⁸, em sua relação intrínseca com os materiais que domina: a autonomia produtiva, o domínio completo do processo e o conhecimento técnico associado à transmissão oral – característico das relações que envolvem aprendizes (SENNET, 2009)¹⁹.

Para apresentação imagética nos postais decidiu-se registrar os processos de manufatura, o ferramental usado e as ambiências criadas pela prática contínua do ofício. Nas gravações de áudio, registrar-se-ia o resultado das entrevistas buscando o entendimento do fazer por aquele que sabe. Reproduzindo esta linguagem, foi concebido o projeto gráfico dos versos dos postais, priorizando nos textos a relação intrínseca de cada ofício na cidade de Porto Alegre. O produto escolhido para dar forma a este enfoque, um cartão-postal, permitiu pensar a dualidade das relações das imagens com o texto do verso, e os textos centrados nos domínios das mãos sobre a matéria. Foram selecionadas

informações de senso comum, dados pesquisados, historiografia de referência e mitos - campeiros e urbanos - de modo a apresentar as relações dos fazeres dentro do território composto, ao longo dos anos, na capital do Rio Grande do Sul. A separação de cada cartão/ofício é possível, mas, em conjunto, os 15 postais compõem um rico panorama de saberes e fazeres e a relação intrínseca com o trabalho na cidade.

A ausência de rostos nas fotos selecionadas teve a intenção de não personalizar, representando, pelas mãos, a todos os praticantes de um determinado ofício. Sánchez Vásquez²⁰ cita Aristóteles qdiz que “a superioridade da mão provém de sua capacidade de utilizar um grande número de instrumentos, e converter-se, desse modo, num “instrumento dos instrumentos” (SANCHEZ, 2007, p.283), citando Aristóteles. E Richard Sennet avança o entendimento, dizendo que

treinamos nossa mão com a repetição; sentimo-nos antes alerta que entediados, porque desenvolvemos a capacidade da antecipação. Da mesma forma, contudo, a pessoa capaz de cumprir uma obrigação repetidas vezes adquiriu uma habilidade técnica, a habilidade rítmica de um artífice. (SENNET, 2009, p.199).

Justificativa

Esses artífices, detentores de

saberes produtivos característicos de relações de valor com os objetos, diferenciam-se das noções de trabalho²¹ dito formal pela fruição no fazer, no detalhe preciosista, no manejo correto das ferramentas de acordo com o material, e no aproveitamento desses materiais através de técnicas próprias. Conforme Schwartz²², “toda situação de trabalho é, sempre em parte (...), aplicação de um protocolo e experiência”²³.

As manufaturas, serviços e labores, por vezes milenares, compõem um mosaico das artes de fazer, invisíveis no cotidiano das grandes cidades. Estas foram modeladas através dos anos pelas experiências, ambiências, materiais e ferramentas característicos de cada atividade, inovações (nos materiais e modos de consumo de bens e serviços) e, fundamentalmente, pela necessidade e inventividade humana²⁴.

De caráter essencialmente popular, este recorte envolve práticas produtivas presentes há mais de 100 anos em Porto Alegre²⁵, capital do Rio Grande do Sul, região de quatro estações²⁶ e território composto por grande contingente de imigrantes europeus e seus descendentes. O bioma pampa e as guerras de fronteiras, características histórico-geográficas fundantes da região, marcam

profundamente os porto-alegrenses nos *habitus* definidores de diversas identidades culturais, configurando identidades e sensibilidades ao longo do tempo (PESAVENTO 1998; 2001; 2002)²⁷. Nas atividades produtivas, no saber-fazer destilado pelo ambiente ao longo dos anos, cristalizam-se práticas e manufaturas que, por décadas, sustentaram famílias inteiras. Realizadas continuamente, aprimoradas com inventividade e não raro exigindo construção de ferramental específico, estão presentes, ainda hoje, em Porto Alegre. Alguns destes ofícios correm o risco de desaparecer com a finitude física de seus artífices e, com eles, uma ampla rede do saber-fazer local.

A pesquisa multidisciplinar

Partindo da leitura de Fonseca²⁸ encontramos referências sobre trabalho manual, ofícios e seu ensino desde o início do século XX, passando por Cunha (2000)²⁹, para entender as dinâmicas sociais presentes na relação mestre-aprendiz no Brasil³⁰. Ali vimos que o trabalho autônomo de artífice, marca da autonomia produtiva colonial (IBGE,1920), não correspondia aos ideais republicanos e desenvolvimentistas que compunham o panorama político,

econômico e social da formação do Brasil da época. O ensino institucionalizado de ofícios correspondeu à europeização dos núcleos urbanos e sofisticação das demandas locais, a partir da capital, Rio de Janeiro/RJ³¹. Teve caráter assistencialista quando foi resposta aos espólios de guerras e epidemias, viúvas e órfãos sem proventos³² - citando Cunha, “ensinar ofícios a crianças e jovens que não tivessem escolha”³³-, e caráter técnico-científico dado pelo espírito positivista, que visava o aprimoramento das técnicas mecânicas necessárias ao projeto de desenvolvimento econômico do início do século XX³⁴.

Iniciou-se a educação profissional no Brasil de acordo com momentos históricos, interesses políticos e territorialidades específicas. Com o processo de industrialização do Brasil e a criação em 1932 da carteira de trabalho e previdência social³⁵, muda o enfoque da informalidade. Os ofícios passam a ter dimensão articulada à produção e consumo³⁶ concentrados nas grandes cidades sendo, em sua maioria, regulamentados³⁷ a partir do uso dos espaços públicos³⁸.

Buscando informações a respeito dos antigos ofícios e suas permanências no tempo e no espaço de Porto Alegre,

consultaram-se os “Livros de Porta” de 1909 da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre/CEDOP, para a confirmação temporal da presença na cidade, através dos registros de atendimentos médicos³⁹. Foi constatada pouca ou nenhuma bibliografia do conjunto destes - ensino de alguns ofícios em escolas técnicas - e a correspondente legislação municipal⁴⁰ para exercício das atividades e suas modificações ao longo do período, que pouco mudou da década de 60 até nossos dias⁴¹,

O contato com os artífices confirmou uma das hipóteses do trabalho: a relação mestre-aprendiz nas oficinas e/ou em casa continua sendo uma forma pedagógica eficiente de apreensão dos conhecimentos destas práticas produtivas. A regulamentação jurídica das ocupações⁴² e o crescimento do ensino profissional no Brasil modificou as relações ensino-aprendizagem, com prioridade em atividades técnicas e mecânicas, e hoje, em atividades ligadas à informatização e serviços⁴³. Porém a relação cotidiana na oficina e/ou doméstica, a apreensão dos fazeres através do acompanhamento diário, *con-vivenciando* experiências produtivas e transmitindo ritmos e domínios pelo gestual e presencial, caracteriza este processo. O artífice ensina ao trabalhar,

mostrando e exigindo a repetição do aprendiz, a fim de adquirir a presteza necessária com determinado material ou ferramenta, repetindo nas oficinas processos centenários⁴⁴.

“Fazendo” o material

Invisíveis em meio à polifonia urbana, as *mãos* são apresentadas pelo recorte fotográfico pré-definido em profusão de cores, texturas e movimentos, em seu saber-fazer, e as respectivas ambiências envolventes. Detalhes e recortes cuidadosamente pinçados em meio a um registro imagético composto por mais de 2.000 fotografias digitais compõem um material (bruto) a ser explorado para um efetivo registro destas técnicas enquanto patrimônio imaterial. Nos textos do verso, constituiu-se a presença no tempo - 1909-2009 - e no espaço - Porto Alegre. Apresentamos cada entrevistado, através de uma pequena biografia e, a seguir, selecionamos dizeres do artífice sobre seu ofício. Resumem-se dinâmicas sociais, percursos e mitos, buscando a apresentação de cada saber-fazer em seu contexto, seu artífice e sua episteme.

As frases captadas nas entrevistas condensam saberes e “ossos” do ofício apresentados por aqueles que têm muito a

dizer, após décadas de produção diária, contínua e autônoma. Suas palavras, mesmo curtas, resumem os estados de concentração e cuidado que, a nosso ver, certificam a magnitude de cada fazer, ao mesmo tempo em que conferem identidade inconfundível aos artífices.

Buscamos trazer a público um material de concepção gráfica adequada ao conteúdo e ao formato, na mídia de um cartão-postal, um produto acessível capaz de mostrar riquezas da cidade de Porto Alegre pelo olhar de quem as vivencia e nelas se reconhece, apresentado com qualidade estética que naturaliza a representação sinótica – isso eu vi, isso eu conheço. Reforçam-se as relações de pertencimento de toda uma população, invisibilizadas no pluralismo do mundo contemporâneo, abarcando, entre tantas outras memórias, a alegria de receber um postal.

A mobilidade representada pelo cartão-postal abrange aspectos imemoriais de vários ofícios, presentes como técnicas constitutivas pelo mundo, no multiculturalismo ancestral das atividades produtivas. Ainda que se modifiquem os materiais e as ambiências, estes 15 ofícios poderiam estar sendo registrados em outras cidades, mantendo o recorte temporal e espacial urbano. Possibilita-se, através do

postal, a livre identificação com a técnica manufatureira expressa pelas imagens, e o recorte geográfico pontual através do texto, no verso. A nossa expectativa ao selecionar esses ofícios cotidianos, que se perdem em meio à virtualidade contemporânea, é sensibilizar os indivíduos frente às suas próprias mãos e ao instintivo prazer de criar (SENNET, 2009).

Considerações Finais

O contato com estes senhores possibilitou uma aproximação frente a esferas produtivas próprias, adaptadas às territorialidades compostas na urbe e suas dinâmicas sociais. Adaptam-se os processos aos materiais constitutivos presentes, pela necessidade e invenção. Preservam-se características regionais, nas heranças e relações com o meio, com as memórias afetivas e sua transmissão. Apreendem-se saberes, através das peculiaridades que compõem o panorama do fazer pela ótica do patrimônio cultural. Cada ofício se descortina enquanto conhecimento acumulado e repassado, de forma oral, visual e mecânica, pelas mãos, olhos e vozes dos seus artífices. Aprende-se um ofício através da relação mestre-aprendiz, na repetição exaustiva, compreensão das sequências, domínio das

habilidades produtivas e na facilidade – “dom” ou “jeito para a coisa” – de manejo dos materiais. São necessários vários anos de prática, observação e produção para alcançar um grau de qualidade que permita demonstrar competência, conquistar respeito e ter orgulho de seu fazer.

A partilha destes saberes ocorre a cada relação – pode ser diária, dependendo da natureza do ofício –, invisibilizada pela rapidez das dinâmicas e fluxos urbanos. São produtos e serviços oferecidos ao longo dos anos, conquistando freguesias e simpatias, pela valorização de um trabalho bem feito, capaz de garantir o sustento de inúmeras famílias. Hoje, as modificações dos sistemas de informação incorporadas às práticas cotidianas reorganizam ciclos produtivos, e os ofícios enfrentam grandes dificuldades para sobreviver ao apelo das mídias de consumo rápido. A preocupação comum em relação ao futuro das profissões diz respeito à dificuldade de ter a quem ensinar.

A transmissão destes saberes frequentemente envolve a família e contatos próximos, na socialização dos conhecimentos do mundo do trabalho de forma contínua, exigindo, tanto do mestre como do aprendiz, tempo, disciplina e habilidades cognitivas e manuais. A surpreendente inventividade encontrada, a

Patrimônio cultural: ofícios antigos em Porto Alegre

Rossana Prado

simpatia e respeito no trato com os clientes e o orgulho da profissão confirmam estes saberes como forma cultural de permanência de relações imateriais de identidade e pertencimento de cada saber-fazer na cidade. Os cidadãos de Porto Alegre se identificam com os postais em virtude da plasticidade imagética e das informações sobre o ofício na cidade, criando relações com a memória afetiva do saber-fazer.

Acreditamos que a confecção deste material, com metodologia criada de acordo com as especificidades (mídia gráfica de enfoque patrimonial), foi feliz⁴⁵. A apreensão do processo completo de confecção dos 15 ofícios em vídeo⁴⁶ deverá ser realizada em breve, em virtude da idade avançada da maioria dos senhores entrevistados, de modo a preservar a carga epistemológica, sensorial e individual, burilada pelo tempo, presente no saber-fazer de cada ofício. Esperamos que esses postais venham a se juntar a outros passos importantes rumo à necessidade impreterível de registro do patrimônio cultural da cidade de Porto Alegre.

¹ NAVARRO, Pepe. *La Voz del Caimán: palabras y retratos cubanos*. Ed. Blume, 1988.

² ARGAN, Giulio C. *História da Arte como história da cidade*. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

³ SENNET, Richard. *O Artífice*. 2ª ed. Rio de

Janeiro: Ed. Record, 2009.

⁴ SANTOS, Milton. *O Espaço do Cidadão*. 7ªed.- São Paulo: EDUSP, 2007.

_____. *Globalização, Território, Política e Geografia em debate*. Itajaí: UNIVALI, 2008.

_____. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 4.ed.- SP: EDUSP, 2009.

⁵ SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*, 2009 p. 226.

⁶ DOUGLAS, Mary *Como as instituições pensam*. São Paulo: EDUSP. 2007, p. 15.

⁷ AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

⁸ BURITY, Joanildo *Globalização e identidade: desafios do multiculturalismo*. IN: <http://www.fundaj.gov.br/geral/textos%20online/ciencia%20politica/jburity02.pdf>, acesso em 18/08/10.

⁹ Sanduíche feito na hora de consumo rápido, com pão d'água (ou cacetinho), manteiga, mortadela e queijo. Segundo fontes informais, teria sido batizado com esse nome em virtude das comemorações do Centenário da Rev. Farroupilha, em 1935.

¹⁰ Na Fototeca Sioma Brietman, há uma foto de Calegari que mostra, no mesmo local da Ladeira, 100 anos atrás, uma barbearia (Acervo Museu Joaquim Felizardo/SMC-PMPA).

¹¹ Conforme relatório IBGE-1920 (IBGE – Min. Agricultura, Indústria e Comércio - Recenseamento do Brasil. 1920. IN: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/Censode1920/RecenGeraldoBrasil1920_v1_Introducao.pdf> Acesso em 24/04/09.), devido à

autonomia das fazendas, os trabalhos e ofícios manuais eram supridos e realizados por escravos, origem do termo “denegrir” (CUNHA, Luis Antônio O Ensino Industrial-manufatureiro no Brasil. *Rev.Bras.Educação*, Maio/Jun/Jul/Ago. 2000, Nº 14. p. 89-107, p.14)

¹² FONSECA, Celso S. da. *História do ensino industrial no Brasil*. Rio de Janeiro: Escola Técnica Nacional, 5 vol., 1984.

CUNHA, Luis Antônio. O Ensino Industrial-manufatureiro no Brasil. *Rev. Bras. Educação*, Maio/Jun/Jul/Ago. 2000, Nº 14. p. 89-107.

¹³ Foram consultados os “Livros de Porta” de 1909 da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, CHC-SCPA/CEDOP, para a confirmação temporal da presença na cidade, através dos registros de atendimentos médicos

¹⁴ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano - Artes de Fazer*. 16.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

¹⁵ LEFEVBRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte/; Ed.UFMG, 2008.

Patrimônio cultural: ofícios antigos em Porto Alegre

Rossana Prado

¹⁶ ARENDT, Hanna. *A Condição Humana*. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

¹⁷ Convém informar que a expectativa inicial contemplava 5 eixos, mas o trabalho de campo nos fez ver que estes três, a autonomia produtiva, o domínio completo do processo e a transmissão de conhecimento via rel. mestre-aprendiz seriam os principais eixos de análise.

¹⁸ ARENDT, Hanna. *A Condição Humana*. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

¹⁹ SENNET, Richard. *O Artífice*, 2009, p.29.

²⁰ SANCHEZ VASQUEZ, A. - *Filosofia da Práxis*. Clacso: São Paulo, 2007, p. 283.

²¹ CATTANI, A. e HOLZMANN, L. (Org.). *Dicionário de Trabalho e Tecnologia*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2006.

²² SCHWARTZ, Ives. A experiência é formadora? *Rev.Educação&Realidade*, FAGED/UFRGS 35(1),jan/abr 2010: p.35-48

²³ “Precisamos redefinir a experiência, uma vez que redescobrimos sua presença nas atividades de trabalho. Defini-la é mostrar os problemas que vamos encontrar: como dizem os matemáticos, ela não tem condições aos limites. Quando e onde ela começa? Ela se enriquece nas situações concretas, mas a partir de quando começa uma experiência? Não é uma experimentação que tenha um início e um fim, há sempre um processo, e, numa situação particular, é também a experiência da pessoa que continua por intermédio desse acontecimento. Processo jamais acabado e não sabemos quem faz experiência. Explico-me: não sabemos jamais exatamente, contrariamente a um protocolo o qual controlamos (tentamos controlar) todos os determinantes, qual é a entidade, a pessoa, o sujeito que faz experiência. É sempre presente seu **patrimônio histórico**, que é o substrato com o qual esse ser vai fazer a experiência de um acontecimento particular em um misto de inteligência, de saberes, mais ou menos claros para si mesmo. Nessa experiência, encontramos uma parte que alguns afirmarão rotinizada, outros falarão de uma memória que não se verbaliza nem se conscientiza no instante, finalmente somos confrontados ao enigma do corpo. Não é verdadeiro apenas para atividades ditas manuais, mas igualmente nas relações de serviço: nas quais também o corpo é implicado no trabalho, as posturas, a modulação da voz que fazem parte da maneira como a pessoa mobilizará esse patrimônio da história para tratar de tal ou qual maneira a pessoa que ela tem em face. É por isso que não sabemos bem quem faz experiência. Tenho uma expressão para designar esse enigma, corpo-si ou a pessoa-si. Nisto que faz experiência, há história de nossos fracassos, nossos sofrimentos, nossos

sucessos, nossos engajamentos com uns e outros, atravessados pelas nossas relações com os valores; e nosso corpo carrega essa história sem que nós a saibamos muito bem. É tudo isso que faz experiência (SCHWARTZ, 2010, p.42-43).

²⁴ CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo, Estação Liberdade: UNESP, 2006.

²⁵ FERRAZ E SOUZA, C. *Porto Alegre e sua evolução Urbana*. Ed. Universidade/UFRGS, 2ªed., 2007.

²⁵FRANCO, Sérgio da C.. *História Ilustrada de Porto Alegre*. CEEE/RBS, 1991.

²⁶ RAMIL, Vitor. *A Estética do Frio: Conferência de Genebra*. Porto Alegre: Satolep, 2004.

²⁷ PESAVENTO, Sandra. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. In: *Narrativas da Pós-modernidade na Pesquisa Teórica*, Ed. cap.5: 2001.p.111-120

_____. *O Imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. 2ªed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

_____. *Os Pobres da Cidade: vida e trabalho 1880-1920*. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

²⁸FONSECA, Celso S. da. *História do ensino industrial no Brasil*. 1984. Na 1ª edição de 1961, com 2 volumes e na 2ª, de 1984, 5 volumes.

²⁹ CUNHA, Luis Antônio. O Ensino Industrial-manufatureiro no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Maio/Jun/Jul/Ago. 2000, Nº 14. p. 89-107.

³⁰ Cunha traz: “Como na formação das guarnições militares e navais, prendiam-se os miseráveis. Procedimentos semelhantes eram adotados para com os menores destinados à aprendizagem de ofícios: os órfãos, os abandonados, os desvalidos, que eram encaminhados pelos juízes e pelas Santas Casas de Misericórdia aos arsenais militares e de marinha, onde eram internados e postos a trabalhar como artífices, até que, depois de um certo número de anos, escolhessem *livremente* onde, como e para quem trabalhar.”(CUNHA, 2000, p.91)

³¹ Veja-se a criação em 1809 do Colégio das Fábricas, resultante da Missão Francesa no Brasil e do Liceu de Artes e Ofícios no Rio de Janeiro, em 1856.

³² Em Porto Alegre, há a criação da Escola de Artes e Ofícios Pão dos Pobres, em 1895, como resposta às viúvas e órfãos da Revolução Federalista (1892-94), surtos de malária e de gripe espanhola.

³³ CUNHA, 2000, p. 90

³⁴ O Instituto Técnico Profissional, ou Parobé, criado em 1906 como anexo à Escola de Engenharia, funcionava apenas no turno da noite e possuía 16 alunos distribuídos nos cursos de

Patrimônio cultural: ofícios antigos em Porto Alegre

Rossana Prado

marcenaria e forja; posteriormente foram implantados os cursos de mecânica, serralheria e carpintaria. Em 1922 tinha nos estatutos a identidade “Seção de Ensino Secundário e Superior, Técnico e Profissional de Mecânica, de Arte e Ofícios que visava formar mestres e contramestres”. (MOROSINI, M., FRANCO, M. – *Escola de Engenharia de Porto Alegre (1896-1934): hegemonia política na construção da universidade* (p.39-57) IN:

<http://fae.ufpel.edu.br/asphe/revista/rev-19.pdf#page=39>, acesso em 09/04/09, p.43)

³⁵ Surgindo em 1932 como Carteira Profissional, em 1969 torna-se Carteira de Trabalho e Previdência Social – CTPS (atual), mas os registros trabalhistas no Brasil iniciaram em 1891, quando o Presidente da República Mal. Deodoro da Fonseca exigiu que as fábricas registrassem em livro as matrículas de menores trabalhadores (fonte: <http://www.mte.gov.br/ctps/historico.asp>, acesso em 12/09/2009)

³⁶ As atividades selecionadas para este estudo incluem várias com vínculos sindicais que facilitam a regulamentação das relações de trabalho (setor de panificação, moveleiro, calçadista, gêneros alimentícios, confecção, etc). Porém em sua maioria, os artífices respondem por sua profissão como autônomos. O domínio completo do processo e a dimensão produtiva em pequena escala caracterizam o sistema de oferta de bens e serviços no modo manufatureiro, quase artesanal, presente nos negócios familiares e de bairro, garantindo a continuidade do ciclo pedagógico profissional – nasce com uma profissão.

³⁷ Ver Lei 10.605, de 29 de dezembro de 2008, Lei nº 3187, de 24 de outubro de 1968; Decr. 4278, de 31 de dezembro de 1970.

³⁸ MARCHESAN, Ana M. M.. A Tutela do Patrimônio Cultural sob o enfoque do Direito Ambiental. Porto Alegre: Livr. Advogado Ed., 2007.

³⁹ Ali constam ricas informações referentes ao cotidiano de Porto Alegre no início do século, na identificação coletada na recepção dos pacientes da Santa Casa: nome, idade, origem, raça, profissão, sintomas e encaminhamentos (Fonte: CEDOP/CHCSCPA).

⁴⁰ Conforme SMIC/PMPA, não existe regulamentação para a atividade do afiador de facas na legislação municipal, pela natureza de seu serviço, que requer a mobilidade urbana da bicicleta com trajeto aleatório. O afiador é percebido na cidade pelo som, o toque de seu apito.

⁴¹ Os instrumentos legais passam a ser referência obrigatória de pesquisa e interpretação histórica dos usos dos espaços urbanos populares (sem prestígio

social e, conseqüentemente, registros oficiais)

⁴² Ver Classificação Brasileira de Ocupações - <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>

⁴³ DEPRESBITERIS, Léa. *Competências na Educação profissional - é possível avaliá-las?* Disponível em: <http://www.senac.br/INFORMATIVO/BTS/312/boltec312a.htm>> Acesso em 27/08/2009.

⁴⁴ “En primer lugar, el taller es un espacio donde las relaciones de autoridad se dirimen cara a cara. Como señala Richard Sennet, la fuente de la autoridad es la habilidad, el dominio de la técnica, aspecto que puede valerle al maestro el derecho de mandar (Sennet,2009,p.73) Si eso ocurre con el espacio, algo similar debe mencionarse respecto a las herramientas: en ellas la habilidad del artesano se ve ampliada y, por ende, refuerzan su autoridad. Pero no sólo la autoridad se ve apuntalada por la cultura material. La combinación de técnicas y herramientas abre un sin fin de posibilidades expresivas a aquellos que trabajan con las manos” (AYUSO&ARATA,2009,p.212)

⁴⁵ A coleção foi incluída, juntamente com diversos outros materiais sobre a cidade, entre os elementos das “Caixas de Memória”, projeto implementado pela Coordenação de Memória Cultural/SMC-PMPA enviadas às escolas municipais, onde a receptividade dos postais tem sido muito boa. As crianças manuseiam o material e as professoras conduzem diferentes práticas, de acordo com os planos de aula e avaliações/vivências pessoais com os Ofícios.

⁴⁶ Temos como projeto realizar o registro dos Ofícios femininos, tão importantes quanto os já apresentados e que, devido ao recorte, estão à espera. Há a proposta de confecção de um livro, em que estarão reunidos os 15 ofícios de acordo com a magnitude dos saberes apreendidos, com pesquisa e possibilidades investigativas dadas pela incorporação de outros pesquisadores à equipe – há muito por fazer. Porém, a proposta mais urgente é o registro documental em vídeo, de forma a suprir a carência de movimento característica da fotografia.